

Marília Alves Corrêa

A LITERATURA ORAL EM *LE CHERCHEUR D'OR*: LENDAS E MITOS



Araraquara - SP

2012

Marília Alves Corrêa

A LITERATURA ORAL EM *LE CHERCHEUR D'OR*: LENDAS E MITOS

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luiza Silva Camarani

Araraquara - SP
2012

A LITERATURA ORAL EM *LE CHERCHEUR D'OR*: LENDAS E MITOS

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Letras.

Data da entrega: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof^a Dr^a Ana Luiza Silva Camarani
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Marchezan
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Adalberto Luiz Vicente
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que, muitas vezes, abdicaram dos seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Marcellus e Dulcineia, presentes em todos os momentos da minha vida e sempre me incentivando e ajudando a concretizar meus objetivos. Aos meus irmãos, Samuel e João Régis, meus primeiros verdadeiros amigos com os quais sempre pude e, certamente, sempre poderei contar. Aos meus sobrinhos, Miguel e Lavínia, que trouxeram pureza e serenidade à minha vida; ao meu namorado, Igor, que sempre procurou, da melhor maneira possível, me ajudar.

Agradeço também a todos os meus amigos e familiares, principalmente aqueles que estiveram mais próximos de mim e presenciaram o quão difícil e gratificante foi essa jornada.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Ana Luiza Silva Camarani, sempre solícita e disposta a me ajudar nos momentos em que precisei.

Ademais, meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que torceram e ainda torcem pelo meu sucesso.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a oralidade e o interculturalismo presentes na obra *Le chercheur d'or*, de J.-M. G. Le Clézio. Para isso, serão mostradas as fontes dos principais mitos e lendas inseridos na obra, a fim de ressaltar como o autor propõe um panorama cultural multifacetado, fundindo, de maneira homogênea, elementos originalmente heterogêneos. Assim, descreveremos cada elemento relevante da narrativa para que possamos entender de que maneira Le Clézio transforma sua obra em um mosaico étnico-cultural, cujo aspecto polifônico tem importância fundamental para que o interculturalismo proposto e a unidade da narrativa sejam atingidos.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalismo. Oralidade. Mitologia. Narrativa polifônica.

RESUMÉ

Ce travail montre une étude sur l'oralité et l'interculturalité présentes dans l'ouvrage *Le chercheur d'or*, de J.-M. G. Le Clézio. Les sources des principaux mythes et légendes introduits dans le récit seront mis en évidence, afin de faire ressortir la façon par laquelle l'auteur propose un panorama culturel avec plusieurs faces, en mélangeant, d'une manière homogène, des éléments différents par rapport à ses origines. Ainsi, nous décrirons les éléments essentiels du récit pour que nous puissions comprendre comment Le Clézio transforme son texte en une mosaïque ethno-culturelle, dont l'aspect poliphonique a une grande importance pour que l'interculturalité proposée et l'unité du récit soient atteintes.

MOTS-CLÉES: Interculturalité. Oralité. Mythologie. Récit poliphonique.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
2. VIDA E OBRA.....	9
3. TEMPO E ESPAÇO.....	12
4. PERSONAGENS PRINCIPAIS.....	18
4.1. Europeus.....	18
4.1.1. Alexis.....	18
4.1.2. Laure.....	20
4.1.3. Mam.....	21
4.1.3. Pai.....	22
4.1.4. Tio Ludovic e Ferdinand.....	24
4.2. Africanos.....	25
4.2.1. Denis.....	25
4.2.2. Ouma.....	27
5. LENDAS E MITOS.....	29
5.1. A polifonia de vozes.....	30
5.2. Lendas e mitos ocidentais.....	32
5.2.1. O mito de Robinson Crusoe.....	32
5.2.2. Mitos bíblicos.....	33
5.3. Mito grego.....	35
5.3.1.O mito de Jasão.....	35
5.4. Mitos africanos.....	37
5.4.1. Mananava.....	37
5.4.2. Lenda dos pássaros do rabo de palha.....	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Ao propormos um estudo sobre a narrativa lecléziana, pretendemos, inicialmente, investigar quais são as referências e motivações do autor para que ele faça de sua obra um arsenal de mitos e lendas, tornando-a, de acordo com Bruno Thibault e Sophie Jollin-Bertocchi (2004), um amálgama mítico. Para tanto, tentaremos apontar indícios de lendas e mitos ocidentais, gregos e africanos, todos dispostos intercaladamente, fazendo com que a narrativa seja um mosaico mitológico e lendário.

Nosso estudo se baseará no livro *Le chercheur d'or* (1985), uma narrativa baseada nos romances de aventura na qual o narrador autodiegético (GENETTE, 1972) Alexis conta-nos sobre a sua infância na Ilha Maurício, além de citar os lugares por onde passou durante parte de sua vida, como a Ilha Rodrigues, por exemplo. Trata-se, portanto, de um romance em que o narrador-protagonista relata suas aventuras, sua busca pelo ouro e como sua vida se transformou no decorrer dos anos.

Ao analisar as categorias de tempo e espaço, entendemos que a infância de Alexis é o ponto de arranque para a diversidade mitológica da obra, pois é em sua infância que idealiza a Ilha Maurício, mais especificamente o espaço do Boucan, e o lendário paraíso de Mananava, uma ilha temida por ele, mas que no final da obra é almejada e conquistada. Além disso, percebemos que durante sua busca iniciática, o protagonista entra em contato com outros lugares e culturas, enriquecendo ainda mais o aspecto intercultural do romance.

No decorrer da narrativa, percebemos que cada personagem tem sua parcela de importância no cenário mitológico da obra, já que cada um evoca um mito ou uma lenda de origem diferente. Nesse sentido, a obra lecléziana desperta um olhar plurivalente sobre a sociedade moderna ao passo que introduz no romance personagens de diferentes origens sociais e culturais. A consequência dessa diversidade étnico-cultural é um texto de caráter polifônico (BAKHTIN, 1997), no qual a relevância dos personagens é a mesma e as ideias defendidas por eles estão no mesmo patamar, sem que umas se sobreponham às outras.

Desse modo, tivemos como principal objetivo deste trabalho ressaltar a heterogeneidade cultural da narrativa lecléziana que, mesmo contendo mitos e lendas de origens diversas, consegue conectá-los de maneira complementar de tal modo que nenhum deles esteja colocado aleatória ou involuntariamente, dando coerência ao texto. A partir desses estudos, poderemos levar em consideração a importância do dialogismo na literatura, a qual, através das suas diferentes interpretações, dá maior abertura à obra e à interatividade do leitor com a história e com diversas culturas e etnias.

2. VIDA E OBRA

Jean-Marie Gustavo Le Clézio nasceu em 1940, em Nice. Devido aos abalos da Segunda Guerra Mundial, o autor viveu sua infância com seus avós, sua mãe e seu irmão, separados do pai que trabalhava na Nigéria como médico. Aos oito anos de idade viajou para a África com sua mãe e seu irmão, para onde foram ao encontro do pai, fato que o inspirou a escrever o romance *L'Africain* (2004). Após cursar Letras em Nice, Le Clézio conheceu o continente asiático, o México e Londres e o reencontro com a cultura indígena funcionou como um pivô em sua obra, tornando-se fonte de inspiração para a escritura de diversas obras e ensaios. Ademais, o autor escreveu sobre os impérios Inca e Asteca, ressaltando o modo como as grandes civilizações interferiram nessas culturas.

A partir dos sete anos de idade, J-M.G. Le Clézio não parou mais de escrever. Sua primeira obra, publicada em 1963, foi *Le procès-verbal*, uma obra repleta de ideias de Sartre e de Lautréamont e que ganhou o prêmio Renaudot. Após o sucesso desse primeiro romance, que une revolta e crítica, Le Clézio mudou seu estilo de escrever, passando a retratar temas como a infância, a adolescência e viagens e, por isso, alcançou um maior público, principalmente com a publicação do romance *Désert*, em 1980.

Tanto o conteúdo dos romances quanto o modo como são narrados atingiram positivamente o público francês, que, nos anos 90, consideraram Le Clézio o maior escritor francês da contemporaneidade. Seus romances exóticos e aventureiros que exploram a humanidade e a poesia levaram-no ao consagrado Prêmio Nobel de Literatura em 2008, expandindo ainda mais sua obra para o resto do mundo.

Ainda sobre a plurivalência da obra de Le Clézio, podemos ressaltar a magia e a mitologia presentes em seus textos, enfatizando a existência de um universo movido pelas sensações. Nesse sentido, o autor mostra que é sobretudo a criança quem consegue apreender o mundo pelas sensações, fato que explica sua grande afinidade com protagonistas infantis. A fim de aprimorar a ligação da criança com o mundo das sensações, a obra lecléziana também ressalta a presença e a importância da natureza para o conhecimento de novos mundos. Desse modo, percebemos que criança e natureza se unem para recuperar a harmonia do universo, outrora existente.

Ao estudarmos a biografia do autor (ONIMUS, 1994), notamos que os lugares em que ele esteve serviram como fonte de inspiração para suas obras e que a utilização de mapas geográficos fazem com que os detalhes dados pelo autor sejam altamente precisos. Além disso, Le Clézio viveu intensamente a cultura dos lugares que visitou, fazendo com que ele passe de um simples turista a um grande pesquisador. *Le chercheur* (1985), por exemplo,

retrata as ilhas Maurício e Rodrigues, carregadas de um passado colonial do qual os ancestrais do autor fizeram parte, o que faz com que o romance seja um reflexo das impressões que ele realmente teve durante a sua aventura por esses lugares.

A mistura cultural almejada por Le Clézio é retratada pela riqueza mitológica da obra, que, por abranger mitos de origens diferentes, torna a narrativa heterogênea pelo modo como o autor consegue conectá-los de forma que um seja complemento do outro. Com isso, o romance lecléziano é um mosaico mítico e cultural que permite a multiplicidade de culturas. Tal hipertextualidade característica da obra de Le Clézio incita a imaginação do leitor, aguçando, inclusive seu senso crítico sobre temas ainda contemporâneos, como colonização, exploração, racismo, opressão, etc.

A escolha temática de Le Clézio e sua posição quanto aos temas citados acima revelam a opinião contrária do escritor ao processo de globalização e à dominação que persistem há décadas. Ele procura contestar o consumismo e os males que a sociedade moderna urbanizada causam ao homem, pois, para ele, o avanço ocidental acontece de maneira muito agressiva, provocando a guerra entre os homens e deles contra a natureza. Por isso, Le Clézio opõe um mundo paradisíaco, ligado à natureza e à sensibilidade humana ao mundo hostil, criado pela sociedade competitiva e capitalista:

Je me considère moi-même comme un exilé parce que ma famille est entièrement mauricienne. Depuis des générations, nous sommes nourris au folklore, à la cuisine, aux légendes et à la culture mauriciennes. C'est une culture très mélangée où se mêlent l'Inde, l'Afrique et l'Europe. Je suis né en France et j'ai été élevé avec cette culture-là. J'ai grandi en me disant qu'il y avait un ailleurs qui incarnait ma vraie patrie. Un jour, j'irai là-bas et je saurai ce que c'est. En France, je me suis donc toujours un peu considéré comme une "pièce rapportée". En revanche, j'aime beaucoup la langue française qui est peut-être mon véritable pays ! Mais si on considère la France comme nation, je dois dire que je me suis rarement identifié à ses impératifs . (LE CLÉZIO, 2007, s/n).

Assim, ao contrapor as culturas africana/indiana às culturas ocidentais em geral, Le Clézio pretende mostrar como a modernidade transformou o homem ocidental em um prisioneiro de suas próprias invenções. Por isso, a narrativa lecléziana destaca o desumano, a crueldade da maioria das pessoas que se tornaram tão duras e insensíveis quanto as máquinas e, assim, foram “coisificadas”. (ASSUNÇÃO, 2012)

Na contra-mão desse excesso de civilização que afeta negativamente o ser humano, o autor coloca em destaque a sabedoria das culturas tradicionais a fim de mostrar como a abundância de industrialização foi maléfica para a humanidade. Para isso, ele opõe

desenvolvimento e tecnologia à naturalidade, paz, silêncio e liberdade, fatores que trazem plenitude e felicidade ao homem contemporâneo, fazendo com que ele entre em harmonia com o universo novamente. Além da oposição espacial feita pelo escritor, ele procura evidenciar as cores presentes em cada universo retratado: enquanto a natureza mostra-se colorida, a cidade apresenta uma aparência acinzentada, entristecida pelo excesso de prédios e edifícios.

Para Le Clézio, a ponte entre o mundo industrializado e a harmonia plena com os elementos do universo é representada pela imagem da criança e do adolescente, pois, para o autor, eles são os únicos seres ainda suscetíveis à mudança de perspectiva sobre o mundo atual. Com isso, ele coloca a criança e o adolescente, na maioria das vezes, como protagonistas de suas histórias, suscitando no leitor uma curiosidade sobre o próprio conceito de infância, uma fase simbólica responsável pelos ideais e pelas atitudes manifestados na maturidade.

Ao fazer com que o leitor reflita sobre a “mitologia infantil”, o escritor consegue trazer o leitor adulto para o universo mitológico e lendário, culminando para um exercício de interiorização do leitor, em que ele retoma as imagens dos heróis da infância e as traz para sua condição atual, usando-as metaforicamente de modo a eternizá-las. Desse modo, Le Clézio evidencia o conteúdo significativo da infância, situado nas profundezas do olhar humano e indispensável para a concretização da plenitude desejada pelo homem.

Preterindo a ideia de aparência e superficialidade, a narrativa lecléziana pretende valorizar a percepção do olhar e do sentir, alcançando, assim, a densidade do indivíduo. Em outros termos, trata-se de valorizar a sensibilidade em detrimento da racionalidade, do homem como ser emocional e não apenas racional, que vê além da substância. Baseados nessa percepção, consideramos a obra de Le Clézio de extrema relevância, num momento histórico em que o preconceito racial, as relações de dominação, a estratificação da sociedade e o materialismo do Ocidente estão em pauta, causando a “desumanização” do ser humano.

3. TEMPO E ESPAÇO

Em *Le chercheur d'or*, publicado em 1985, a narrativa inicia-se no final do século XIX, em 1892 e termina na segunda década do século XX, em 1922. Assim, podemos entender que *Le chercheur d'or* (1985) abrange o período da colonização africana pelos países europeus que, devido à partilha desproporcional das terras africanas e asiáticas, iniciaram um conflito imperialista pela defesa de seus interesses econômicos, iniciando, assim, a Primeira Guerra Mundial.

O ponto de arranque é o início da narrativa, quando o narrador e protagonista Alexis começa a contar sua própria história. Apesar da grande analepse (GENETTE, 1972, p.82), que predomina no romance, o narrador faz algumas prolepses (GENETTE, 1972, p.82), como em “*Je ne sais pas que tout cela va bientôt disparaître*” (LE CLÉZIO, 1985, p.23), em que ele adianta que o paraíso em que ele vivia desapareceria.

Inicialmente, a história passa-se no Boucan, na Ilha Maurício, país situado no Oceano Índico e pertencente ao conjunto de ilhas constituído pela Ilhas Mascarenhas orientais (Ilha Maurício e Ilha Rodrigues) e pelas Ilhas Cargados Carajos e Agalega. O clima tropical, a natureza rica e a população altamente miscigenada (europeus, africanos, chineses e, predominantemente, indianos) fazem com que o lugar seja considerado um paraíso pelos personagens que lá vivem. No Boucan, Alexis retrata a natureza relacionando-a à sua infância e felicidade, o que coloca esse espaço como um lugar mítico e imutável. Lá, o menino faz referência à “árvore Chalta”, que, para ele, é uma representação do bem e do mal, da vida e da morte, de algo que remete às origens humanas. Graças às descrições de Le Clézio, conseguimos visualizar a exuberância e a magnificência da natureza do local e, assim, entendemos a importância da infância do protagonista e o motivo do eterno retorno às suas origens, as quais o remetem à “Era do ouro”:

Devant moi, au milieu des Cannes, il y a une meule de pierres de lave noires. C'est là-dessus que j'aime grimper, pour regarder l'étendue verte des champs, et, loin derrière moi maintenant, perdues dans les fouillis des arbres et des bosquets, notre Maison comme un épauve, avec son drôle toit couleur de ciel,[...]. C'est cela que j'aime. (LE CLÉZIO, 1985, p.14).

Além disso, é nesse paraíso da infância que Alexis começa a construir, com a ajuda dos personagens que o rodeiam, o universo transcendental que guiará seus passos durante a maturidade. Nesse sentido, entendemos a sensação de vazio sentida pelo menino ao ver que uma catástrofe natural atingiu o berço de sua infância, pois, nesse momento, Alexis percebe

que o ciclone destruiu seu paraíso. Entretanto, a “árvore Chalta” é a única a sobreviver à fúria da natureza, o que nos faz crer que ela seja um símbolo imortal da Criação que transcende a temporalidade comum: “[...] *le grand arbre chalta du bien et du mal. Tout ce que je sens, tout ce que je vois alors me semble éternel.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.23). Essa sensação de supressão do tempo trivial é notável quando Alexis e Laure, sua irmã, contam que, estando na árvore, parecia que o tempo passava mais rápido e que uma noite inteira durava apenas alguns instantes. Ademais, eles se sentiam protegidos na árvore, ela lhes acendia a chama da esperança, o que reafirma o caráter mítico presente na árvore. Assim, percebemos que o período de sua infância juntamente com as sensações provindas do local onde vive dão a Alexis a bagagem necessária para encarar a longa jornada que o espera, fazendo com que ele amadureça cada vez mais por meio da volta às suas raízes.

Já no segundo capítulo, Alexis e sua família são obrigados a mudar para Forest Side, uma cidade mais urbanizada, onde as desigualdades sociais eram mais evidentes. Aqui, o personagem sente a necessidade de reencontrar seu paraíso perdido e, a fim de buscar uma vida melhor e de ir atrás de novas descobertas, Alexis parte, sozinho, para a Ilha Rodrigues, colonizada, outrora, por holandeses, franceses e britânicos: “*Je pense, dit-il, à ce qui m’attend, à l’autre bout de ce voyage, comme une terre où je serais déjà allé autrefois, et que j’aurais perdue.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.131). A partir daí, há um constante deslocamento espacial de Alexis que dá maior dinamicidade à narrativa, pois o protagonista passa a procurar, incessantemente, um motivo para viver. Assim como o espaço do Boucan, na Ilha Maurício, Rodrigues é uma ilha singela que, após a exploração dos europeus, era povoada por nativos colonizados que falavam, além de sua língua materna, a língua francesa. Alexis passa todo o quarto capítulo em Rodrigues, buscando o chamado “ouro do Corsário desconhecido”. Aqui, o espaço tem um papel essencial na obra, pois Alexis vê na Ilha Rodrigues a esperança de uma vida melhor, longe da pobreza e marginalidade às quais ele e sua família ficaram expostos em Forest Side. Durante seu percurso, notamos que ele acaba encontrando muito mais do que procurava, retornando, assim, à concepção de felicidade que adquirira na infância, aquela em que o ser humano valoriza as coisas simples e naturais da vida.

Em sua viagem, Alexis retrata detalhadamente o barco que o transporta para Rodrigues, fazendo, inclusive, uma referência ao mito dos Argonautas e aos episódios bíblicos do dilúvio: o navio, neste caso, torna-se um *leitmotiv* do romance, já que faz referência à história de Jasão e sua procura por riqueza e prosperidade. O *Zeta*, como é chamado pelos tripulantes, torna-se a terceira casa de Alexis, pois ele passa vários dias a bordo. O barco é pequeno e o porão, no qual os tripulantes dormem, é abafado, escuro e desconfortável:

Au fond du bateau, la chaleur est étouffante, et l'air est chargé des odeurs de cuisine et de marchandises. Malgré les écoutilles ouvertes, il fait sombre. L'intérieur du bateau n'est qu'une seule grande cale, dont la partie centrale est occupée par les caisses et les ballots de marchandises, et l'arrière par les matelas à même le sol où dorment les Marins. (LE CLÉZIO, 1985, p.128).

Percebe-se, portanto, que a embarcação do navio *Zeta* é, assim como no mito de Jasão e os Argonautas, um símbolo da aventura vivida pelos tripulantes do navio *Argos* na incessante busca pelo ouro e pela riqueza que ele traria, simbolizados, no mito, pelo velo do carneiro. Em contrapartida, a embarcação pode significar o fracasso dessa busca, já que Jasão alcançou seu objetivo, mas não conseguiu fazer com que a riqueza e o poder do ouro trouxessem prosperidade para sua vida. Nesse momento, Le Clézio já começa a mostrar que o tesouro buscado por Alexis não se trata de um bem material, mas de algo que está além dos valores capitalistas da sociedade contemporânea.

Todas as descrições que Alexis faz do *Zeta*, desde a primeira vez em que ele aparece, fazem com que ele figure um navio extraordinário: seu aspecto, sua história, seu nome grego, o nome do capitão, que evoca o nome de um pirata e a poltrona em que se revezam o timoneiro e o capitão revestem a imagem do navio de mistério e magia. Ademais, o *Zeta* é o lugar onde Alexis encontra pessoas como ele, que buscam algo melhor na vida. O velho capitão Bradmer e o timoneiro ensinam muito ao protagonista, pois, enquanto o capitão dava algumas coordenadas sobre como conduzir um navio, o timoneiro fornecia a localização à Alexis, naquele mar rodeado por ilhas desconhecidas. Em suas conversas com Alexis, o timoneiro conta-lhe sobre a ilha de Saint Brandon, que nos é descrita, também, como um paraíso. Aqui, o timoneiro mostra-se semelhante a Alexis, pois declara a saudade de sua terra natal e de sua infância. Quando o navio ancora na ilha, Alexis percebe a beleza e a paz do lugar, percebendo, desse modo, sua identificação com o timoneiro: *“Une paix, une lenteur que je n'ai ressenties nulle part ailleurs, qui viennent de la transparence de l'eau, de la pureté du ciel, du silence.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.177).

Apesar de toda a magia ilusória que gira em torno do *Zeta* em um primeiro momento, no decorrer da viagem Alexis descobre, por meio do capitão Bradmer, que não se trata de uma embarcação mágica. Neste momento, o protagonista passa a fazer relatos reais sobre o navio, que fazem com que ele pareça um lugar comum onde existem regras e deveres a serem cumpridos. Além disso, Alexis conta sobre a impressão que ele tem de que os outros tripulantes competiam entre si e do medo que tinha de que eles violassem a sua bagagem e

descobrissem os mapas do Corsário desconhecido. Aqui, impõe-se um sentido simbólico do mundo violento em que vivem os homens, o que causa a desarmonia mundial, completamente diferente daquela vista na natureza. Entretanto, é durante a sua viagem no navio que ele retoma sua relação com a natureza, pois é nele que ele volta a admirar o por do sol, as estrelas, o mar e todas as sensações que ele tinha quando era criança e contemplava a natureza. Vale ressaltar, também, que, durante a viagem marítima, Alexis perde a noção do tempo, perguntando-se, por vezes, em que dia estavam e há quantos dias estavam a bordo.

Ao chegar à Ilha Rodrigues, nota-se que Alexis tem seu destino transformado, pois lhe é mostrada a verdadeira essência da vida, permitindo que ele veja o mundo sob diferentes perspectivas. Lá ele vai aprofundar suas pesquisas sobre o tesouro do Corsário desconhecido e o seu desejo de riqueza vai cegar seus instintos naturais, fazendo com que ele ignore tudo o que lhe era importante até então para fazer parte da massa de homens adoentados pelo excesso de civilização e industrialização. Nesse momento, ele conhece Ouma, personagem representante da miscigenação das culturas e da exclusão social a qual grande parcela da África está submetida. Ela tenta fazer com que Alexis retome seus antigos valores mostrando-lhe como a soberba ocidental deu ao homem um poder maléfico, mas o protagonista está tomado pela revolta e pelo desejo de riqueza e se nega a enxergar a sabedoria das palavras de Ouma.

O quinto capítulo retrata os anos de 1915 e 1916, em que Alexis alista-se como voluntário para lutar na Primeira Guerra Mundial. Neste capítulo, ele muda constantemente sua localização, alternando sua localização entre França e Inglaterra, pois a tropa em que lutava precisava se deslocar com frequência. Aqui, se depara com a violência e com a avareza humana e, por isso, sente, cada vez mais, saudade da época em que nada disso fazia parte de sua vida, decidindo, portanto, retomar sua busca pelo paraíso perdido. No sexto capítulo, retrata o final da guerra (1918-1919) e sua volta à ilha de Rodrigues. Após o retorno se sua jornada na Segunda Guerra Mundial, Alexis não é mais o mesmo homem: a violência ocidental mostrou-lhe como o materialismo é condenável e a solidão a qual ele foi submetido o fez pensar nos ensinamentos de Ouma.

O sétimo e último capítulo conta a ida de Alexis à Mananava, um paraíso mítico idealizado e temido desde o primeiro capítulo. Ao descrever sua viagem a esse lugar, percebemos que ele sempre esteve muito presente no inconsciente de Alexis, pois temos a impressão de que uma força interior e irresistível o leva para lá. É um lugar onde ele consegue entrar em contato direto com a natureza, entrando novamente em harmonia com o universo, o que nos remete à ilha de Saint Brandon, paraíso descrito pelo timoneiro. Para o protagonista, Mananava era um lugar proibido, onde ele e Denis, seu amigo de infância, nunca ousavam ir;

mas, no final do romance, Alexis retrata que finalmente encontrou o seu tesouro e que lá ele sentia novamente o sabor de sua infância feliz, longe da maldade dos homens. Nesse momento, mostra que a qualidade de vida dos homens era bem melhor antes dos avanços industriais e da competitividade que a contemporaneidade impõe a eles. Alexis valoriza a convivência harmônica e respeitosa com a natureza e ressalta os tesouros abundantes que ela oferece. Aqui, notamos que a confrontação entre a matéria orgânica e o corpo do personagem são essenciais para o entendimento da narrativa, pois é através dessa relação íntima de Alexis com o universo natural que o autor assinala a importância da natureza para que o homem alcance a plenitude almejada (CAVALLERO, 2006). Por isso, entendemos que o verdadeiro tesouro pelo qual o protagonista buscou durante todo o romance é este: o retorno aos tempos em que a bondade e a vida natural eram presentes na humanidade e quando essa noção de plenitude fica clara ao personagem, ele consegue abolir as fronteiras entre ele e o universo. Fica perceptível, nesse momento, a referência ao mito de Robinson Crusoé, o qual retrataremos posteriormente.

Nota-se assim que, em *Le chercheur d'or* (1985), o espaço tem caráter circular, pois a história inicia-se e termina na Ilha Maurício e com o narrador fazendo referência ao mar. Assim, pode-se dizer que o narrador Alexis volta sempre ao ponto de partida e, mesmo no final da narrativa quando se acredita que ele tenha encontrado um ponto fixo, ele manifesta seu desejo de voltar a percorrer todo o caminho que ele percorrerá até aquele momento: “*Peut-être que nous braverons l'interdit, et nous irons jusqu'à Saint Brandon, là où le capitaine Bradmer et son timonier ont trouvé leur refuge?*” (LE CLÉZIO, 1985, p.374), o que denota a circularidade da vida.

Quanto ao tempo, percebe-se, notadamente, que ele é linear, pois a narrativa desenvolve-se entre 1892 e 1922. Apesar disso, o narrador coloca-se num tempo circular, pois, frequentemente, ele volta a lembrar-se de sua infância, do tempo em que vivia no Boucan com sua família. Com isso, entende-se que o tempo cronológico é linear, mas o tempo psicológico do protagonista é circular.

Ao começar a narrar sua aventura no navio *Zeta*, tem-se a impressão de suspensão do tempo, pois a durabilidade da viagem parece não ter importância. Nesse momento, Alexis perde toda a sua impaciência e ansiedade e passa a aproveitar intensamente o presente, principalmente quando ele está no mar. A calma e a harmonia em que os elementos são expostos nesse momento da narrativa mostram um estado de êxtase onde a bondade prevalece. O protagonista percebe que não adianta desesperar-se e, por isso, ele se deixa levar pela vida, assim como o barco se deixa levar pelo vento. Além disso, percebemos que, devido às suas dimensões surreais (as quais, muitas vezes, fazem com que Alexis se perca em seus

próprios sonhos e pensamentos, misturando a nostalgia da infância com a esperança do futuro), o céu e o mar são lugares míticos que permitem a comunicação do interior do personagem com o cosmos e que a peculiaridade do mar faz com que ele deva ser reconstruído mentalmente para que se possa desbravá-lo (CAVALLERO, 2006). Desse modo, a narrativa transforma-se em uma espécie de diário de bordo, em que o sol mostra-se como um elemento primordial de organização (CAVALLERO, 2006), onde Alexis registra seus feitos separando-os cronologicamente pelas expressões “*un autre jour, en mer*” (LE CLÉZIO, 1985, p.135); ou: “*une nuit en mer, encore*” (LE CLÉZIO, 1985, p.140), etc. A supressão do tempo também é percebida quando o personagem está junto com sua irmã, Laure, na “árvore Chalta”, pois Alexis passa a noite toda nela e tem a sensação de que se passaram apenas alguns minutos.

Desse modo, fica evidente que as categorias tempo e espaço refletem as necessidades e indagações interiores de Alexis, bem como definem a identidade das personagens. Alexis, mais dinâmico, desloca-se com maior frequência, mostrando sua vontade de procurar uma vida melhor, enquanto Laure e Mam, sua mãe, por exemplo, permanecem em Forest Side, mostrando-se, assim, mais estáticas. Além disso, os espaços “paradisiacos” frequentados por Alexis tornam-se personagens da obra, pois são descritos de forma idealizada e poética de modo que o protagonista mantenha uma relação íntima e imagética com eles. (PITTILO, 2009).

4. PERSONAGENS PRINCIPAIS

Ao inserir determinados arquétipos de personagens, notamos que Le Clézio procura, por meio deles, propor um interculturalismo que integra diferentes etnias e culturas, mas, também, denunciar a hegemonia cultural existente no mundo, a qual denota a intolerância e a marginalidade a que estão submetidos determinados povos. Por isso, o escritor opta por protagonistas mais sensíveis e suscetíveis aos males da sociedade contemporânea, como as crianças, os adolescentes e os estrangeiros, confrontando-os com ambientes excessivamente urbanos, onde se sentem angustiados e excluídos (SALLES, 2010). Assim, percebemos que a situação histórica e social do romance é refletida por meio dos personagens que, no caso de *Le chercheur d'or*, são prejudicados por ela (SALLES, 2010). Nesse sentido, o herói lecléziano é aquele que, apesar de toda violência e individualidade que o mundo impõe, busca preservar valores humanistas culturais e almeja igualdade étnica, social e racial.

Apesar de toda a crítica lecléziana acerca da civilização moderna, não podemos classificá-lo simplesmente como um escritor unilateral ou até mesmo bucólico. A proposta de Le Clézio é instigar no leitor um olhar bilateral, que enxergue os benefícios e os malefícios da modernidade para que, assim, ele possa absorver o que é bom e ignorar o que é ruim. Desse modo, podemos entender que a literatura lecléziana procura universalizar temas, ambientes e culturas e que

A escolha de personagens não “hiper-adaptados” à sociedade moderna e dotados de uma forte acuidade sensorial permite ao mesmo tempo o deslocamento crítico e a capacidade de perceber a poesia, a fantasia, a parte de onírico, de fantástico que há no cotidiano, até mesmo as novas mitologias que as cidades e os objetos tecnológicos trazem em si. (SALLES, 2010, p. 17).

4.1. Europeus

4.1.1. Alexis

Alexis é o protagonista e narrador do romance, sendo este, portanto, autodiegético (GENETTE, 1972, p.253) já que conta a própria história. Alexis e sua família são de origem francesa e, desde o começo da narrativa, percebemos que ele é o típico herói lecléziano descrito anteriormente, já que respeita e admira as diferenças culturais existentes entre ele e os outros: “*J’aime Denis, Il est mon ami. Mon cousin Ferdinand dit que ce n’est pas un ami, puisqu’il est noir, qu’il est le petit-fils de Cook. Mais cela m’est égal.*” (LE CLÉZIO, 1985,

p.15). Apesar de sua naturalidade ser a mesma dos colonizadores, sua condição marginal em relação à sociedade civilizada fica perceptível desde o início da narrativa e, no decorrer de seu percurso, ela se torna cada vez mais evidente. No começo da história, o protagonista é uma criança que vive com sua família em um lugar isolado do mundo, mas que está ameaçado pela industrialização e pela materialidade do homem contemporâneo. Alexis relata com detalhes todas as sensações e pensamentos que o invadiam, valorizando a pureza e a sensibilidade da criança e nos mostrando que os ideais e as atitudes do adulto provêm dessa fase. Já na infância o protagonista descreve a natureza como algo vital e significativo e antecipa a necessidade dela para que a plenitude e a harmonia interior sejam alcançadas:

Devant moi, au milieu des cannes, Il y a une meule de pierres de lave noires. C'est là-dessus que j'aime grimper, pour regarder l'étendue verte des champs, et, loin derrière moi maintenant, perdues dans le fouillis des arbres et des bosquets, notre Maison comme une épave, avec son drôle de toit couleur de ciel, et la petite hutte du capt'n Cook, et plus loin encore, la cheminée de Yemen, et les hautes montagnes rouges dressés vers le ciel. (LE CLÉZIO, 1985, p.14)

Durante esse período marcante de sua vida, Alexis torna perceptível ao leitor seu interesse por histórias que alimentavam sua imaginação, tanto que ressalta de maneira carinhosa e saudosa as diferentes histórias que fizeram parte de sua infância, contadas por personagens que, por suas peculiaridades e diferenças, marcaram sua vida. Mam, por exemplo, é lembrada pelas histórias bíblicas que lia para ele e para a irmã, Laure; Denis, seu amigo crioulo e, portanto, de origem africana, contava histórias fantásticas sobre Mananava; Laure olhava os jornais antigos do sótão com Alexis e, juntos, divertiam-se imaginando o que aquelas imagens poderiam significar; e seu pai contava-lhe as histórias do Corsário desconhecido, do tesouro perdido e, nas noites do Boucan, traduzia o céu estrelado explicando cada estrela, cada constelação ao menino. Na vida adulta, o protagonista ainda nos mostra como as lendas o fascinam contando-nos, por exemplo, as histórias que ouviu do timoneiro negro e do capitão Bradmer à bordo do *Zeta*.

Após dolorosas perdas (seu paraíso, seu pai), Alexis, que já deixara de ser uma criança, parte em busca de algo maior, de algo que lhe trouxesse novamente a bondade e a liberdade de outrora. Desse modo, o protagonista passa a retratar todas as experiências vividas durante essa trajetória utópica que ocorre através de elementos míticos e lendários, como o Corsário desconhecido, o tesouro perdido, lugares míticos, etc. O calvário de Alexis oscila entre lugares utópicos e anti-utópicos, estes representados pelos grandes e violentos centros urbanos e aqueles representados pelos lugares longínquos onde a natureza é valorizada.

Ao final do romance, compreendemos que o herói de *Le chercheur d'or* teve que enfrentar uma trajetória de perdas, de reencontros e de muita reflexão para que entendesse o verdadeiro objeto de sua busca: sua identidade. Nesse sentido, o desfecho do romance valoriza o primitivismo e a natureza humana, remetendo-nos, através de Alexis, a uma concepção cíclica do tempo, por meio da qual o homem alcança a plenitude interior.

4.1.2. Laure

Laure é a irmã mais velha do protagonista Alexis e um dos principais elos que o ele tem com sua infância. Durante o tempo em que viveram no Boucan, Alexis constrói a imagem de Laure com afeto e nostalgia, revelando a sensibilidade a florada da menina que, aos poucos, tomou traços de mulher. A “árvore chalta”, a que a menina chamava de “árvore do bem e do mal”, funcionava como uma espécie de fuga para os dois e, mesmo quando Alexis levantava durante a noite, sem avisar a irmã, e ia para a árvore, ele declara que sabia que Laure o ouvia, que podia sentir sua respiração acordada: “*J’entends Laure qui soupire, parce qu’elle n’a pas dormi, elle non plus, pendant tout le temps que j’étais dehors.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.13). Aqui, notamos a estreita ligação mantida entre os irmãos durante a infância, ligação essa que tende a romper-se durante o itinerário do protagonista.

Ao relatar fatos de sua infância com Laure, Alexis nos faz crer que ela também seja parte integrante do aspecto mitológico que transpassa na obra: assim como o menino, ela apreciava com admiração o modo como Mam contava as histórias bíblicas. Ademais, na companhia do irmão, ela passava horas a fio olhando as figuras dos jornais velhos e imaginando qual seria o significado delas. Apesar de Laure ser uma personagem secundária na obra, Le Clézio atribuiu-lhe características semelhantes às aquelas atribuídas ao protagonista, pois ela se mostra extremamente sensível e misteriosa. Em diversos momentos da narrativa, Alexis ressalta a sensibilidade a florada de Laure, que conseguia pressentir os sentimentos dos outros, fossem eles bons ou maus:

Un jour, Laure est venue avec moi sur le quai. Nous avons marché longtemps le long des bateaux, sous le regard indifférent des marins assis à l’ombre des arbres. C’est elle qui m’a parlé la première de mon rêve secret, en me demandant: “Tu vas bientôt partir sur un bateau?” J’ai ri un peu, étonné de sa question, comme si c’était une plaisanterie. Mais elle m’a regardé sans rire, ses beaux yeux sombres pleins de tristesse. (LE CLÉZIO, 1985, p.115)

No momento da partida de Alexis para a Ilha de Rodrigues, o protagonista declara a tristeza no olhar da irmã, que já pressentira a mudança permanente que a viagem do irmão implantaria.

Na maior parte do romance, Laure nos é mostrada como uma criança sensível e inocente, mas, durante alguns trechos do romance, Alexis consegue ver nela uma feminilidade misteriosa e ingênua, denunciando que os traços adultos da menina começavam a aflorar. Entretanto, a própria menina parecia não se ver desse modo, o que faz dela uma personagem ainda mais mítica, já que, apesar de tornar-se uma adulta no decorrer do romance, Laure é mostrada sempre com a ingenuidade e simplicidade de uma criança.

Outro traço característico da personagem é a resignação à qual se submete depois da tragédia que afetou sua infância. Quando tio Ludovic vai ao Boucan com o intuito de tirar Laure e sua família de lá, a menina enfrenta o tio e demonstra sua revolta perante aquela conduta, mas acaba sendo repreendida pela mãe. Após a traumática catástrofe que destruiu sua casa, a morte do pai e as tentativas frustradas de recomeçar uma nova vida na sociedade urbanizada, Laure passou a dedicar sua vida aos afazeres domésticos e aos cuidados da mãe, que adoecera. Aqui, podemos vê-la como a própria personificação da camada marginalizada da sociedade, já que, após a tentativa de opor-se ao capitalismo (tio Ludovic), tenta, em vão, incluir-se em uma sociedade na qual não há espaço para ela, entregando-se, portanto, ao próprio destino: *“Au commencement, elle était allée à l’école, comme moi, parce qu’elle disait qu’elle voulait apprendre à travailler pour ne pas avoir besoin de se marier. Mais à cause de Mam, elle a dû y renoncer.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.104).

4.1.3. Mam

A mãe de Alexis, chamada sempre por “Mam”, é umas das principais fontes míticas e lendárias da obra, pois é através dela que Alexis tem sua imaginação estimulada. Mam é uma mulher meiga e doce que tem o poder de penetrar no mais profundo de Alexis, tanto que, durante a viagem dele e até mesmo após a morte dela, sua voz é lembrada de maneira carinhosa e saudosa, como uma música (ONIMUS, 1994): *“Il y a aussi la voix de Mam. C’est tout ce que je sais d’elle maintenant, c’est tout que j’ai gardé d’elle.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.24). Todas as descrições que o protagonista faz de sua mãe mostram-na com uma delicadeza mítica, exibida pelas pequenas atitudes impregnadas de emoção, carinho e atenção: *“[...]j’entends la voix de Mam qui fait réciter des prières à Laure, à l’ombre de la varangue. C’est si doux, si clair, que des larmes coulent encore de mes yeux et que mon coeur se met à battre très fort.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.22). Para Alexis, as palavras de Mam são sábias, pois

provém de um ser humano experiente e que, apesar de todas as injustiças que vivenciou, consegue ser superior às atrocidades do mundo.

A influência de Mam é extremamente relevante para o desenrolar do romance, pois suas lições vão colaborar para o desenrolar do contexto mítico da obra. As diferentes maneiras com que as mesmas histórias são contadas remetem à circularidade da obra e ao constante retorno a que Alexis é submetido durante seu trajeto (JOLLIN-BERTOCCHI E BRUNO THIBAUT, 2004): “*Chaque soir, Il y a une leçon différent, une poésie, un conte, un problème nouveaux, et pourtant aujourd’hui, il me semble que c’est sans cesse le même leçon[...]*” (LE CLÉZIO, 1985, p.27). No decorrer da narrativa, percebemos que uma das lembranças mais pertinentes da infância de Alexis são as histórias bíblicas contadas por Mam e as constantes referências bíblicas feitas por ela diante dos acontecimentos do cotidiano. Já aqui vemos uma tradição literária ligada à oralidade, o que amplia o horizonte cultural da obra permitindo uma intertextualidade intimamente ligada ao interculturalismo, cultivada durante todo o romance (JOLLIN-BERTOCCHI E BRUNO THIBAUT, 2004). Assim, percebemos que a maneira nostálgica com que Alexis fala da voz da mãe atrelada à própria atitude de contar histórias aos filhos aparece na obra com o intuito de enaltecer a cultura oral, cuja linguagem informal busca transpor as barreiras sociais, intelectuais e, principalmente, culturais:

J’aime aussi les leçons de morale de Mam, le plus souvent le dimanche matin de bonne heure, avant de réciter la messe. J’aime les leçons de morale parce que Mam raconte toujours une histoire, chaque fois nouvelle, qui se passe dans des endroits que nous connaissons. (LE CLÉZIO, 1985, p.29).

Nesse sentido, percebemos que as histórias contadas por Mam são partes intrínsecas da mistura cultural presente em *Le chercheur d’or*, pois, além de todos os aspectos interculturais a que Alexis foi naturalmente submetido, Mam representa uma forte influência na vida do protagonista e é retomando suas histórias que conseguimos estabelecer paralelos indispensáveis para a verdadeira interpretação da busca iniciática de Alexis.

4.1.3. Pai

O pai de Alexis é a personificação da tentativa de inclusão social praticada pela camada marginalizada da sociedade. Percebemos, no decorrer do primeiro capítulo, que Le Clézio tenta retratar uma sociedade na qual os excluídos dificilmente alcançarão seu topo e, por isso, mesmo a relativa cultura do pai de Alexis não conseguiria torná-lo parte integrante da civilização moderna.

Após ouvirem conversas do pai, Alexis e Laure, por mais que não entendessem muitas palavras que estavam sendo ditas, conseguiam perceber que a situação econômica de sua família estava ameaçada e que isso poderia perturbar a paz em que viviam: *“C’est à cette époque-là que nous nous sommes rendu compte, Laure et moi, que quelque chose n’allait pas dans les affaires de notre père.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.36). A fim de melhorar suas condições financeiras e tentar dar uma vida melhor para sua família, o pai de Alexis lança-se em um projeto no qual ele construiria uma central elétrica que abastecesse toda aquela região. O gerador elétrico traria fim à iluminação à óleo e às máquinas à vapor, além de levar progresso para aquele lugar tão distante da urbanização. Assim, Alexis e sua família ficaram extremamente esperançosos com o projeto de eletricidade, renovando, portanto, suas expectativas de uma vida mais farta: *“Alors, nous ne cessons de penser à l’électricité. Laure et moi, nous croyons qu’elle va venir chaque soir, comme si, par miracle, elle allait soudain tout illuminer à l’intérieur de notre Maison, et briller au-dehors sur les plantes e sur les arbres [...]”* (LE CLÉZIO, 1985, p.45).

Entretanto, o ciclone que devastou o Boucan e destruiu a casa de Alexis ceifou todas as esperanças da família. Ao ver todo o estrago que havia invadido a ilha, o pai de Alexis foi ver o que havia acontecido com o gerador e, ao vê-lo completamente destruído, sentiu que deveria conformar-se com o futuro marginalizado que lhe aguardava:

La belle machine neuve est renversée, à demi immergée dans l’eau boueuse. Le hangar a disparu, et il ne reste de la turbine que des morceaux de tôle tordus, méconnaissables. Mon père s’arrête, Il dit seulement à voix haute, clairement: ‘C’est fini’. (LE CLÉZIO, 1985, p.90).

Além de toda a representatividade social do pai de Alexis, notamos ainda que ele é o principal vínculo do protagonista com a sua busca, pois é através de seu pai que Alexis conhece a lenda do Corsário desconhecido e o mito dos Argonautas. Durante a infância, o pai saía com os filhos para ensinar-lhes os nomes as estrelas e das constelações: *“Mon père nous enseigne le ciel nocturne, et chaque jour, ou presque, il nous montre leur place sur une grande carte épinglée sur le mur de son bureau.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.51). Enquanto desvenda os mistérios do céu, o pai de Alexis fala sobre o navio Argo e o imenso tesouro perdido com admiração, o que chama a atenção do menino e lhe desperta a curiosidade:

Ce n’est pas vraiment à moi qu’il parle, pour cet enfant aux cheveux trop longs, au visage hâlé par le soleil, aux habits déchirés par les courses dans les broussailles et les champs de canne. Il parle à lui même, ses yeux brillent, sa voix est un

peu étouffée par l'émotion. Il parle de cet immense Trésor qu'il va découvrir, car il sait enfin l'endroit où il se cache, il a découvert l'île où le Corsaire inconnu a placé son dépôt. (LE CLÉZIO, 1985, p.63).

Com isso, conseguimos perceber que, mesmo que Alexis não fale prolixamente sobre o pai, este passa a ser a metonímia da busca do protagonista, pois é através dos mapas cedidos pelo pai e dos seus ensinamentos sobre os Argonautas e as estrelas que Alexis guia sua jornada e alimenta a esperança de viver de maneira mais plena.

4.1.4. Tio Ludovic e Ferdinand

Esses personagens são os representantes da parte opressora do capitalismo e, como a história nos é mostrada do ponto de vista de Alexis (parte oprimida), vemos tio Ludovic e Ferdinand como pessoas preconceituosas e que usam o poder financeiro como forma de reprimir e humilhar aqueles que não fazem parte do mesmo mundo que eles: *“Je le déteste, et je déteste aussi son père, l'oncle Ludovic, parce qu'il est grand et fort et qu'il parle haut, et qu'il nous regarde toujours avec ses yeux noirs ironiques[...]*” (LE CLÉZIO, 1985, p.35). Percebemos, desse modo, que as atitudes de tio Ludovic e até mesmo suas características físicas são componentes da metáfora que transpassa sua representatividade no romance: a do capitalismo opressor, que permite a imposição de uns sobre outros.

Nas caminhadas de Alexis com Ferdinand, a diferença de classes entre os dois fica ainda mais nítida quando o protagonista nos fala sobre as grandes propriedades dos campos de cana: *“Son père est très riche, il l'a emmené dans toutes les propriétés.[...]C'est interdit d'entrer sur les 'chassés', mon père serait très en colère s'il savait que nous allons dans les propriétés.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.19). Percebemos, aqui, que a segregação imposta pelo capitalismo é evidente, pois Alexis foi instruído pelo pai de que era proibido entrar nas grandes propriedades, ou seja, a mistura entre esses dois mundo dicotômicos, riqueza e pobreza, era inviável e lhe causava medo: *“Nous marchons avec précaution, comme si nous étions sur un territoire ennemi.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.19).

A exclusão de Alexis e sua família fica ainda mais notável quando, devido à necessidade de entregar suas terras a tio Ludovic, eles são obrigados a mudar-se para Forest Side, uma cidade onde a urbanização agrava as desigualdades sociais. Nessa nova fase da vida, Alexis relata a falta de dignidade à qual ele e sua família estavam submetidos e a solidão que sentiam denunciava a falta de adaptação deles àquele meio social: *“Trop pauvres pour avoir des habits neufs, nous ne fréquentions personne, nous n'allions à aucun goûter, à aucune fête. Laure et moi prenions même une sorte de plaisir à cette solitude.”* (LE CLÉZIO,

1985, p.109). Ademais, o protagonista ressalta que em Forest Side ele estava longe do mar, dos barulhos da natureza e, do mesmo modo em que haviam muitas coisas bonitas lá, os perigos e a violência o indignavam.

Após toda a decepção com o fracasso de seus planos em Boucan, o pai de Alexis acaba falecendo, denunciando, metaforicamente, a fraqueza das classes marginalizadas, às quais sucumbem à pressão e opressão da sociedade capitalista. Esse momento da narrativa torna-se o impulso de Alexis para buscar uma vida melhor, já que o falecimento de seu pai fez com que ele tivesse que começar a trabalhar nos escritórios de tio Ludovic, fazendo-o, portanto, sentir ainda mais a revolta de ter que se submeter a uma vida que não lhe pertencia: *“C’était une vie sans heurt, sans surprise, et il me semblait souvent que tout cela n’était pas réel, que c’était un songe que je faisais tout éveillé[...]*” (LE CLÉZIO, 1985, p.114).

Nesse sentido, percebemos que o parentesco de Alexis com tio Ludovic e Ferdinand serve para aproximar o protagonista da falta de equidade existente no mundo, situação que se torna pano de fundo para a incessante busca do protagonista. No cenário ambivalente do capitalismo, tio Ludovic e Ferdinand mostram-se como os principais responsáveis pelos choques sociais, afetivos e psicológicos sofridos por Alexis, o que o levou a buscar por algo maior, algo que realmente lhe trouxesse plenitude e felicidade.

4.2. Africanos

4.2.1. Denis

Além de ser o melhor amigo de infância de Alexis, Denis é o primeiro contato que o protagonista tem com outra cultura, representando, portanto, o ponto de arranque para uma história na qual a mistura de raças, culturas e etnias predomina. Denis é de origem crioula, neto de um cozinheiro e sua excentricidade está no fato de ser uma criança que sabia muitas coisas sobre natureza e, apesar da marginalidade em que vive e do preconceito ao qual é exposto, é muito feliz por viver livre nas montanhas: *“J’aime Denis, il sait tant de choses à propos des arbres, de l’eau, de la mer.[...]Il sait tellement de choses qu’on ne s’ennuie jamais avec lui.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.17), diz Alexis.

Logo nas primeiras páginas do romance notamos o misticismo presente nas características de Denis, pois, além de ser um menino especial que encanta Alexis e Laure, ele é o principal representante de um dos mitos que perpassa a narrativa: o mito de Robinson Crusoé. Aqui, vemos o crioulo como um ser natural e selvagem, considerado, pelos personagens capitalistas, como um inculto que não faz parte da sociedade civilizada:

“Ferdinand l’appelle Vendredi, pour se moquer de nous, et moi, il m’a surnommé l’homme des bois[...].” (LE CLÉZIO, 1985, p.18), conta Alexis. Aos olhos de Ferdinand e de tio Ludovic (e, portanto, da sociedade civilizada), Denis é estranho e repulsivo por sua falta de cultura, mas, para Alexis, ele é invejável por sua sabedoria e liberdade.

Assim como Vendredi, no mito de Daniel Defoe (1719), Denis é o contraponto da sociedade moderna civilizada, pois, além de mostrar-se completamente alheio às convenções do mundo pós-industrial, mantém um forte elo com a natureza, ressaltando sua beleza, seus benefícios e a necessidade de respeitá-la: “*Denis se coule sans difficulté au milieu de la forêt, silencieux, tous ses sens aux aguets.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.41). Durante a infância de Alexis, vemos que a ligação de Denis com a natureza causa admiração no menino, mas somente após a tragédia do Boucan perceberemos que a naturalidade das atitudes de Denis, bem como a harmonia em que vive com a natureza, serão reverenciadas pelo protagonista denotando uma forma de vida plena idealizada. Com a desapareição de Denis após a tempestade e a conseqüente mudança da família de Alexis, depreendemos que a ganância do capitalismo destruiu os traços de vida natural ainda existentes, fazendo com que o protagonista tivesse que passar por uma trajetória de reconhecimento para, depois, entender que o primitivismo em que ele e Denis viviam o levaria ao verdadeiro tesouro desconhecido:

Maintenant, je sais que c’est ainsi qu’a fait le Corsaire après avoir retire son trésor des cachettes du ravin, à l’Anse aux Anglais. Il a tout détruit, tout jeté à la mer. Ainsi, un, jour, après avoir vécu tant de tueries et tant de glories, il est revenue sur ses pas et il a défait ce qu’il avait créé, pour être enfin libre. (LE CLÉZIO, 1985, p.373).

Além de todo esse aspecto de vida selvagem que envolve o mito de Robinson Crusoé, Denis ainda aparece como precursor do mito do Éden, representado, nesse caso, por dois lugares: o Boucan e Mananava, ambos ligados à natureza e ao primitivismo. Os passeios com Denis sempre mostravam o aspecto rústico e natural da vida como um ideal de felicidade e liberdade, pois Denis via na natureza o verdadeiro paraíso terrestre e, no decorrer do romance, percebemos que esses passeios foram presságios do paraíso ao qual o protagonista busca atingir: “*Tout est beau et calme, en cet endroit. Je regarde l’étendue verte du lagon, la frange d’écume le long de la barrière de corail et le sable Blanc des plages[...]. C’est comme si nous étions naufragés, là, depuis des mois, loin de toute habitation[...]*” (LE CLÉZIO, 1985, p.57).

Levando em conta todos esses aspectos míticos e lendários que envolvem o personagem em questão, entendemos que sua influência na fase inicial de Alexis é de suma importância para o desenrolar da narrativa, pois Denis é o responsável pelo primeiro contato

que o protagonista tem com outras culturas e o principal elo dele com a natureza, o qual, apesar de ser interrompido por uma sequência de acontecimentos, permanecerá latente na lembrança de Alexis.

4.2.2. Ouma

Diferentemente de todos os personagens que aqui foram citados, Ouma aparece na fase adulta de Alexis, na qual ele já foi corrompido pela busca incessante do tesouro do Corsário desconhecido. Quando o protagonista já está instalado em Rodrigues e pronto para desbravar a ilha na busca pelo ouro, Ouma surge como um segundo estímulo ao primitivismo humano, já que o primeiro fora Denis. Ela também é de origem crioula, mas sua miscigenação é mais aparente, pois sua mãe é de origem francesa enquanto que o pai é manaf: *“Elle a un visage d’enfant, mais elle est grande et svelte, vêtue d’une jupe courte à la manière des femmes manafs et d’une chemise en haillons. Ses cheveux sont longs et bouclés comme ceux des Indiennes.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.211).

Em um período em que Alexis pensa no sentido denotativo do ouro, Ouma aparece como um contraponto à essa materialidade que invadiu a personalidade de Alexis. Assim como Denis, ela é uma mulher natural, excluída da sociedade por sua cor e etnia, mas que vive em plena harmonia com a natureza e preza pela sua liberdade: *“À l’endroit ou la rivière fait un étang profond, couleur de ciel, elle pose les poissons sur la berge et elle plonge dans l’eau douce, elle s’asperge la tête et le corps comme un animal qui se baigne.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.222). Aos poucos, Ouma tenta reintegrar Alexis ao mundo natural mostrando-lhe que o ouro almejado pelo protagonista é a principal razão das divergências e desigualdades do mundo: *“Pour elle, le trésor ne compte pas, elle méprise l’or comme tous les manafs.”* (LE CLÉZIO, 1985, p.252). Sri, o irmão mudo de Ouma, ajuda a compor esse cenário mitológico que envolve o novo período da vida de Alexis, pois, segundo ela, a inteligência e a bondade de Sri fazem com que ele seja um enviado de Deus.

Apesar de trazer à tona vários sentimentos e sensações em Alexis, nessa primeira fase Ouma ainda não conseguiu fazer com que o jovem entendesse seus sinais e descobrisse qual era o verdadeiro sentido de sua busca e, por isso, o protagonista ainda continuava a procurar o ouro perdido. Cansado de procurar por algo que não encontrava, Alexis decide voluntariar-se para lutar na Primeira Guerra Mundial, afastando-se, assim, de Ouma. Após esse período traumático em que Alexis convive com a violência, a ambição e a maldade do mundo contemporâneo, ele volta para rever Laure et Mam, mas, dentro de si, sente vontade de reencontrar Ouma e a paz que ela e a natureza lhe traziam: *“Chaque jour grandit en moi le*

désir de retourner à Rodrigues, de retrouver le silence et la paix de cette vallée, le ciel, les nuages, la mer qui n'appartiennent à personne. Je veux fuir les gens de 'grand monde', la méchanceté, l'hypocrisie." (LE CLÉZIO, 1985, p.315). Aqui, percebemos que a ausência de Ouma causa um grande vazio a Alexis, pois era através dela que ele se ligava novamente ao lado natural da vida e, portanto, pleno: *"Si Ouma est ici quelque part, je la retrouverai. J'ai besoin d'elle[...]"* (LE CLÉZIO, 1985, p.327).

Durante o período em que Alexis ficou distante de Ouma, procurando-a pela ilha, o protagonista observava com mais atenção tudo o que o cercava, todo o ambiente e as sensações que ele lhe causava e, lembrando-se das palavras outrora emitidas por Ouma, começa a decifrá-las e a entendê-las como sinais para que encontrasse as respostas que há muito buscava

Je me souviens des paroles d'Ouma, lorsqu'elle s'est adressée à moi pour la première fois, son ton à la fois ironique et blessé lorsqu'elle soignait ma plaie à la tête: 'Vous aimez vraiment l'or?' Alors, je n'avais pas compris, j'avais été amusé par ce que je croyais être de la naïveté. Je ne pensais pas qu'il avait autre chose à prendre, dans cette vallée âpre, je n'imaginais pas que cette fille sauvage et étrange connaissait le secret. (LE CLÉZIO, 1985, p.333).

Nesse momento, Alexis, através dos ensinamentos de Ouma, entende o sentido de sua busca e consegue reencontrar a liberdade e a harmonia com o cosmos. Assim, percebemos que o caráter mítico da personalidade de Ouma está na sensação de estranhamento que ela causa em Alexis e no próprio leitor, pois ela é a personificação da dicotomia civilização *versus* natureza (MOUSSAVI E HEDAYATI, 2009). Os traços que a distinguem de uma mulher comum da sociedade civilizada são essenciais para atrair a atenção de Alexis e, após cativá-lo com sua peculiaridade, Ouma consegue fazer com que ele se volte para si, para sua interioridade, pois só assim encontraria as respostas que procurava.

5. LENDAS E MITOS

Assim como outras obras de Le Clézio, *Le chercheur d'or* funciona como um reflexo das experiências vividas pelo autor durante sua viagem à África. Isso nos parece nítido devido ao seu modo de escrever, à visão de mundo do protagonista (que procura transmitir a mesma opinião do autor) e, principalmente, devido aos traços exóticos da obra, representados por tudo aquilo com que Alexis se depara durante sua jornada. Entenderemos como traços exóticos, nesse trabalho, as lendas e mitos provenientes de diversas culturas diferentes, os quais são colocados no romance de maneira complementar, formando, assim, uma espécie de amálgama mítico (JOLLIN-BERTOCCHI E THIBAUT, 2004)

O livro conta a história de um herói que, depois de ter tido uma infância feliz, foi expulso de seu paraíso e obrigado a deparar-se com as tragédias e desigualdades do mundo. Nessa fase de sua vida, Alexis procura explicações para aquela realidade nefasta que lhe foi imposta e busca uma vida mais plena e realizada. Aqui, o herói é representante do homem genérico, ou seja, aquele que vive para buscar respostas para suas perguntas a fim de atingir o êxtase da vida. Nesse sentido, a presença dos mitos e lendas na narrativa passa a ser indispensável, já que eles são um esclarecimento das dúvidas do homem sobre sua própria existência. No caso de *Le chercheur d'or*, os mitos mais revisitados são aqueles que pretendem fazer com que o homem volte às suas origens para saciar seus questionamentos. Com isso, notamos que, ao relatar a busca de Alexis pelo seu tesouro, Le Clézio sugere, também, o desejo do protagonista de retornar às suas origens através da aproximação com a natureza para que, assim, ele busque a si mesmo e a uma riqueza superior à material.

Para o autor, só há descoberta quando o homem é afastado de seu lugar de origem para conhecer outros homens, outras paisagens e outras culturas. É por isso que, no romance, o protagonista é exilado de seu espaço original para buscar algo maior, tanto que, durante sua viagem, descobre que o tesouro pelo qual procurava não tem, de fato, valor material; seus fracassos o levam a olhar para dentro de si, enxergando coisas que, outrora, eram nítidas, mas que ele ignorava. Tais descobertas fazem com que Alexis pare sua busca pelo bem material e passe a entendê-la como uma busca espiritual, em que sua origem e sua identidade venham à tona para trazer-lhe paz e harmonia interior. No decorrer da narrativa, compreendemos que a busca pelo tesouro é, na verdade, a busca pelo conhecimento alcançada por dois pólos: o da reflexão sobre a natureza e o da reflexão sobre o místico. (ALAVI, 2008). Nesse sentido, vemos que a busca de Alexis termina quando ele percebe que o mapa do tesouro deixado por seu pai é, na verdade, um mapa do céu, o que faz com que ele volte para a sua infância (quando admirava o céu), voltando, assim, para seu lugar de origem (Boucan) reconciliando-

se com a natureza e consigo mesmo. Após anos de busca e sofrimento, ele descobre que o tesouro é o símbolo do homem regenerado e, reconstruindo seu paraíso perdido da infância, encontra a liberdade através do renascimento de suas origens: “*Me voici de nouveau à l’endroit même où j’ai vu venir le grand ouragan, l’année des mes huit ans, lorsque nous avons été chassés de notre maison, et jetés dans le monde,[...].*” (LE CLÉZIO, 1985, p.374).

5.1. A polifonia de vozes

Para melhor explicar a mistura mitológica e cultural presente em *Le chercheur d’or*, utilizaremos a teoria bakhtiniana que busca entender a filosofia polifônica de Dostoiévski. Desse modo, entenderemos que o mosaico cultural proposto por Le Clézio busca não só agregar ao romance um diálogo intercultural, mas também fazer com que os diversos mitos e lendas que compõem a narrativa sejam equipotentes e complementares, formando, assim, um romance homogêneo: “Sua meta é superar a maior dificuldade para o artista: criar de materiais heterogêneos, heterovalentes e profundamente estranhos uma obra de arte uma e integral.” (GROSSMAN apud BAKHTIN, 1997, p.13)

Nesse sentido, não vemos, no romance lecléziano, a tentativa de subordinar a voz dos personagens à voz do herói principal, pois o próprio protagonista se identifica com a ideia de outros personagens do romance e, muitas vezes, passa a incorporar as ideologias deles, tendo-as, portanto, como fonte de enriquecimento pessoal. Ao final da narrativa, por exemplo, notamos que Alexis adere o mesmo estilo de vida simples e natural ao qual Denis e Ouma eram adaptados: “*Ici, tout est simple. À l’aube, nous nous glissons dans la forêt frissonnante de rosée, pour faire cueillette de goyaves rouges, de merises, de prunes malgaches de coeurs-de-boeuf, [...].*” (LE CLÉZIO, 1985, p.364), declara Alexis. É, portanto, a partir dessa premissa de homogeneidade do mundo apesar das diferenças étnicas, sociais e culturais que veremos *Le chercheur d’or* como um romance polifônico.

Ao analisarmos o romance dessa maneira, perceberemos que Le Clézio personifica os mitos e lendas existentes na obra, já que cada um deles será contado e representado por algum personagem. Assim, vemos no uso da mitologia a representação da individualidade e da peculiaridade de cada personagem e a coexistência harmoniosa de mitos e lendas originalmente diferentes passa a representar a situação multifacetada da cultura mundial, onde as ideologias devem interagir de modo complementar: “[...]a imagem artística da individualidade do outro (se adotarmos esse termo de Askóldov) e muitas individualidades

imiscíveis, reunidas na unidade de um certo acontecimento espiritual,[...]” (BAKHTIN, 1997, p.11).

A análise polifônica do romance lecléziano só pode ser entendida se, assim como no romance de Dostoiévski, levarmos em consideração que o mundo no qual vive o escritor não é uno, ou seja, o romance desses escritores consegue misturar elementos originalmente heterogêneos porque são reflexo do próprio mosaico étnico-cultural mundial. Desse modo, devemos observar que o trabalho de polifonia presente em *Le chercheur d’or* é extremamente minucioso e os mitos e lendas inseridos na obra só exprimem plenamente a ideia do autor quando atrelamos uns aos outros. Nesse caso, concluímos que a total percepção do romance está subordinada à interdependência de todos os elementos lendários e mitológicos, sendo eles, portanto, igualmente relevantes: “Se o material sumamente heterogêneo de Dostoiévski fosse desdobrado num mundo uno, correlato a uma consciência monológica do autor, a meta de unificação do incompatível seria destruída [...]” (BAKHTIN, 1997, p.14). Por isso, ressaltamos as diferenças culturais dos personagens presentes na narrativa, já que cada um deles representa, de certa forma, mitos diferentes e, por isso, consciências diferentes.

Ademais, é necessário notar que o mundo capitalista contemporâneo não tem caráter monológico, o que revela que Le Clézio procura explicitar em seus romances as contradições e incoerências existentes. Assim, entendemos que a obra lecléziana passa a funcionar, tanto na temática quanto na forma, como um reflexo das contrariedades presentes no cotidiano do ser humano. Em *Le chercheur d’or* percebemos isso mais claramente quando Alexis é forçado ao exílio e, diante do mundo capitalista, percebe as dicotomias e contradições de uma modernidade desigual: “*Mais c’était moins de pauvreté que nous souffrions, que de l’exil. Je me souviens de ces après-midi obscurs dans la Maison de bois de Forest Side, le froid humide des nuits, le bruit de l’eau ruisselant sur la tôle du toit.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.110), conta Alexis.

Com isso, podemos entender que, assim como Bakhtin designa a obra de Dostoiévski como originalmente centralizada na ideia, *Le chercheur d’or* também pode ser classificada como tal, pois todos os mitos e lendas inseridos no romance bem como a trajetória iniciática do personagem principal são metáforas que buscam levar ao leitor a ideia de que a industrialização, a modernidade e a valorização da materialidade sobrepõem-se à diversidade de valores culturais e sociais intrínsecos a cada ser humano. Por isso, Le Clézio utiliza a pluralidade mitológica e lendária de maneira complementar a fim de afirmar que as diferentes ideologias que compõem o ser humano podem e devem conviver de maneira harmoniosa, de modo que a ideia de cada herói constitua parte do todo do romance: “Enquanto objeto de representação e dominante na construção das imagens dos heróis, a ideia leva à desintegração

do mundo do romance em mundos dos heróis, mundos esses organizados e formulados pelas ideias que os dominam.” (BAKHTIN, 1997, p.23).

5.2. Lendas e mitos ocidentais

5.2.1. O mito de Robinson Crusoé

A fim de complementar e afirmar o sentido místico da gênese da vida, o romance ainda nos induz a concluir que a trajetória de Alexis é, apesar de algumas diferenças, muito semelhante à trajetória de Robinson Crusoé, escrita por Daniel Defoe, em 1719, sendo, inclusive, estabelecida a comparação explicitamente durante o romance pelo próprio narrador: “*Je suis seul maintenant comme Robinson sur son île.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.71). Neste mito, vemos um homem civilizado que, perdido em uma ilha aparentemente deserta, começa a refletir sobre a simplicidade da vida. Inicialmente, Robinson tenta transformar a ilha em um ambiente urbano, mas, após conhecer um nativo selvagem, entende como a civilização é problemática e como ela acabou por tornar-se um dos problemas mais importantes do homem. Entretanto, o desapego dos bens materiais passa a ser praticado quando o nativo selvagem destrói, sem querer, o projeto urbanizado que Robinson havia construído. Aqui, podemos fazer um paralelo evidente entre Crusoé e Alexis, pois, assim como o selvagem destruiu o aparente conforto de Robinson, a natureza também destruiu tudo o que Alexis e sua família construíram em Boucan: “*C’est ainsi que nous partons, ce mercredi 31 août, c’est ainsi que nous quittons notre monde, car nous n’en avons pas connu d’autre, nous perdons tout cela, la grande Maison du Boucan où nous sommes nés, [...]*” (LE CLÉZIO, 1985, p.98/99), diz Alexis. O desastre ocorrido com o protagonista e sua família é anunciado logo no início da narrativa porque, apesar de trágico, revelou-se extremamente necessário, pois foi a partir dessa destruição que Alexis, assim como Robinson, passou a desapegar-se da materialidade. Além disso, durante sua viagem à bordo do *Zeta*, o personagem lecléziano, assim como Robinson Crusoé, escreve metodicamente seus passos, montando uma espécie de diário de bordo. Entretanto, Robinson, por ser mais civilizado e urbanizado do que Alexis, organiza seu tempo através de uma clepsidra e traça um plano mais bem estruturado enquanto Alexis deixa-se levar pelo movimento do mar e pelo tempo psicológico: “*Combien de jours, de mois? J’aurais dû tenir un calendrier comme Robinson Crusoé, en taillant des encoches sur un morceau de bois.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.198), reflete o narrador.

Depois de muita reflexão sobre as diferenças entre a vida natural e a vida urbana e materialista, Robinson e Alexis concluem que a humanidade seria mais feliz sem tantos

avanços industriais e, por isso, passam a revalorizar o primitivismo, onde, assim como na infância, a pureza e a inocência eram características intrínsecas ao homem:

Alors, je ne pense guère à l'or, je n'en ai plus l'envie. Ma batée est restée au bord du ruisseau, près de la source, et je cours la forêt en suivant Ouma. Mes vêtements sont déchirés par les branches, mes cheveux et ma barbe ont poussé comme ceux de Robinson. (LE CLÉZIO, 1985, p.365).

Essa análise nos permite entender o fascínio de Le Clézio pela criança e pelo selvagem, já que é através deles que o autor pretende mostrar para o leitor que a natureza está em oposição aos aspectos maléficos da vida contemporânea e é em harmonia com ela que o homem fica longe da maldade e da violência, sentindo-se pleno por abolir as fronteiras entre ele e o Universo. Revisitando este mito, Le Clézio reafirma a questão da origem, da herança e do eterno retorno, pois os personagens dessa obra têm uma relação estreita com a natureza e, no decorrer do seu percurso, aprendem a valorizar a inocência da infância e do selvagem.

5.2.2. Mitos bíblicos

Atentando-nos para as histórias que Mam contava à Alexis e Laure, destacaremos algumas lendas bíblicas que assemelham-se direta ou indiretamente à trajetória percorrida pelo protagonista:

Ce sont les histoires que Mam raconte, je n'en ai jamais entendu de plus belles, de plus drôles. Mais ce que j'aime vraiment beaucoup, c'est l'histoire sainte. C'est un gros livre relié de cuir rouge sombre, un vieux livre qui porte sur sa couverture un soleil d'or d'où jaillissent douze rayons. (LE CLÉZIO, 1985, p.30).

Em um primeiro momento, ressaltamos os mitos bíblicos do dilúvio, do êxodo e de Jonas, os quais estão, na obra, intimamente conectados. O dilúvio nos é mostrado logo no início da narrativa através do ciclone que destrói o berço da infância de Alexis (Boucan) e acaba por representar a ruptura entre a gênese, a origem e a visão de mundo que o protagonista terá no futuro: “*Je me souviens seulement de l'histoire du déluge, que Mam nous lisait dans le grand livre rouge, lorsque l'eau s'est abattue sur la terre et a recouvert jusqu'aux montagnes, et le grand bateau qu'avait construit Noé pour s'échapper,[...]*”. (LE CLÉZIO, 1985, p.81), conta Alexis. Dizemos isso pois, apesar de ser um mito que retrata a morte, vemos que, para Alexis, ele representa uma prerrogativa de ressurreição já que é

exatamente o dilúvio que provocará o deslocamento do personagem para uma busca de sua própria identidade, despertando nele a noção dicotômica do mundo e fazendo com que ele queira retomar seu paraíso perdido através das sensações de sua infância. Desse modo, podemos entender que o ciclone fez com que Alexis perdesse seu paraíso, incitando-lhe uma nostalgia que o motivou a buscar respostas sobre a verdadeira riqueza da vida: sua identidade e sua origem. Retoma-se aqui o mito de Jonas, pois Alexis foi exilado de seu local de origem, onde achava-se longe da maldade da civilização, para aprender a valorizar o que realmente importava.

Ao ver-se naquele mundo desigual, em que a violência e o egoísmo imperavam, Alexis passou a alimentar um sentimento nostálgico da época em que vivia no Boucan e, por conseguinte, era criança. Assim, entendemos que Le Clézio busca representar o berço da infância de Alexis como um Éden, em que tudo era oferecido aos homens de maneira milagrosa e farta, proporcionando à humanidade o que havia de bom para seu próprio deleite: “[...]ce jardin touffu comme l’Éden, avec les arbres de l’Intendance, les goyaviers et les manguiers, le ravin du tamarinier penché, le grand arbre chalta du bien et du mal, l’allé des étoiles qui conduit vers l’endroit du ciel ou il y a plus de lumières.” (LE CLÉZIO, 1985, p.99). Assim, vemos que a doce lembrança que Alexis tem da sua infância nos remete ao mito da Idade de Ouro, em que todos os homens viviam como deuses e, por isso, não havia desigualdade, violência, maldade: “Chaque jour, je lui raconte la même histoire, celle du Boucan, où tout est éternellement jeune et beau, où brille le toit couleur d’azur. C’est un pays qui n’existe pas, il n’y a que pour nous trois qu’il existe.” (LE CLÉZIO, 1985, p.358), conta Alexis.

Esses dois mitos exprimem a saudade que Alexis tem de seu paraíso perdido, reenviando-o para sua infância, para onde a liberdade, a inocência e a harmonia com o cosmos faziam parte de sua vida. Na parte final de seu itinerário, percebemos que o desejo de encontrar o tesouro e reconstruir seu paraíso perdido ameniza todas as dores e sofrimentos de Alexis e sua felicidade ao chegar à Mananava fica evidente aos olhos do leitor, pois este, na maioria das vezes, vive em um mundo industrial e competitivo, no qual as coisas simples da vida não são levadas em conta.

Além da própria representatividade de paraíso que o Boucan denota, a “árvore chalta” também pode ser vista como uma reafirmação do paraíso bíblico onde viviam Adão e Eva: “Ici, le monde ne connaît pas la faim, ni le malheur. La guerre, cela n’existe pas. L’arbre chalta tient le monde au loin, par la force de ses branches.” (LE CLÉZIO, 1985, p.357). Nesse sentido, Laure é o reflexo de Eva que, ao colher o fruto proibido da árvore, incita em Alexis o pecado e, por isso, o castigo passa a ser o exílio do protagonista que, à semelhança

de Adão, perde seu conforto e se encontra em um mundo perverso e ameaçador. Para retomar tudo o que perdeu, ele precisa fazer uma busca interior cujo objetivo é buscar nas profundezas de sua alma as coisas mais importantes e substanciais da existência.

Há, ainda, uma outra referência bíblica que, apesar de ser um pouco mais sutil e não se prolongar muito durante o romance, deve ser citada. Nos primeiros capítulos da narrativa, Alexis menciona seu tio Ludovic, irmão de seu pai, e seu primo Ferdinand, ambos representantes do capitalismo e da escravidão imposta pelos brancos aos indígenas. Ao entendermos a família de Alexis como representante dos valores humanitários, percebemos que, assim como Abel e Caim, há uma ruptura da relação entre o pai de Alexis e seu irmão, visto que os dois tinham opiniões diferentes e que a posição que cada um ocupava na sociedade fazia com que seus interesses se divergissem muito:

Mon père, pour nous faire vivre, avait pris un travail de comptabilité dans un des bureaux de l'oncle Ludovic à Rempart Street à Port Louis, et Laure s'indignait de ce que l'homme qui avait le plus contribué à notre ruine et à notre départ du Boucan était celui qui nous nourrissait, comme d'une aumône. (LE CLÉZIO, 1985, p.110).

Tendo em vista todas as suas diferenças e a agressividade capitalista de Ludovic, este acaba matando simbolicamente o irmão para que seus interesses comerciais fossem alcançados.

5.3. Mito grego

5.3.1.O mito de Jasão

A incessante busca de Alexis pelo “ouro do Corsário desconhecido” e pela riqueza que ele lhe traria aproxima a história do protagonista lécleziano do mito de Jasão, principalmente pelas várias referências que Alexis faz à embarcação dos *Argonautas*, comparando-a com o navio *Zeta*: “[...]je souhaite que cette heure ne s'achève jamais, que le navire *Zeta*, comme *Argo*, continue éternellement à glisser sur la mer légère,[...]” (LE CLÉZIO, 1985, 139). Além disso, assim como Jasão orientava-se pelas estrelas, o nosso herói também o fazia, por influência do pai:

Celles que je vois avec netteté, en me retournant, à la poupe du navire, si près de l'horizon que je n'ai qu'à baisser les yeux pour les suivre dans leur lent balancement, ce sont les étoiles qui dessinent la Croix du Sud. Jê me souviens de la

voix de mon père, lorsqu'il nous guidait à travers le jardin obscur, et nous demandait de la reconnaître, légère et fugitive au dessus de la ligne des collines. (LE CLÉZIO, 1985, p.134).

A trajetória de Jasão consiste em liderar uma embarcação em busca do velocino de ouro a fim de recuperar o trono que lhe foi tomado. Acreditava-se que tal velocino funcionava como um talismã que teria o poder de trazer prosperidade, riqueza e imortalidade para aquele que o conquistasse. O paralelo entre os dois heróis pode ser estabelecido já nesse momento, pois Alexis parte em sua busca pelo mesmo motivo: a catástrofe do Boucan tirou-lhe tudo o que era mais precioso e, posteriormente, o capitalismo das cidades urbanizadas marginalizou ele e sua família. Ademais, Alexis parte em busca do tesouro por acreditar, também, que ele tornaria sua vida plena e próspera.

Conduzido pela sede de justiça, Jasão parte à procura do velocino de ouro, mas, no decorrer de sua jornada, percebe que terá que enfrentar muitos obstáculos e, quanto mais próximo estava do seu objetivo, mais perigosas tornavam-se as tarefas a serem cumpridas. Para transpor todas as barreiras que o separavam do velocino, Jasão contou com a ajuda de Medeia, uma feiticeira que, posteriormente, apaixonou-se pelo herói. Após ter o talismã nas mãos, Jasão casa-se com Medeia e retorna para reconquistar seu trono roubado, mas este lhe foi negado mais uma vez. Tomado pela raiva e pela sede de vingança, Jasão e Medeia fogem com o velocino de ouro e aqui começa sua ruína. Medeia, conduzida pela cega paixão que sentia mediante a perseguição do rei, passa fazer atrocidades, culminando com o desprezo de Jasão, que se casa com outra mulher. Revoltada, Medeia decide vingar-se, matando a noiva de Jasão e, depois, acaba matando os filhos que tivera com ele. A fragilidade e a indecisão de Jasão fazem com que ele perecesse sozinho até sua morte.

Apesar dos diferentes desfechos das duas histórias, percebemos que o “ouro do Corsário desconhecido” e o “velocino de ouro” são metáforas utilizadas para transmitirem a mesma ideia: Alexis e Jasão buscam um tesouro que remetem para o interior de cada um deles. (DOS SANTOS, 2009). Durante o calvário dos dois heróis, notamos que a decepção por não encontrarem a riqueza material que procuravam é essencial para que percebam qual é o verdadeiro tesouro pelo qual buscaram por tanto tempo.

5.4. Mitos africanos

5.4.1. Mananava

Mananava é mostrada, desde o início do romance, como um lugar mítico e paradisíaco. No entanto, esse lugar ideal só passa a ser acessível a Alexis no final do romance, quando ele já amadureceu suas opiniões sobre sua origem e sua identidade. Assim, compreendemos Mananava como um lugar que só está disponível àqueles que entenderam que o contato com a natureza e a vida selvagem preenchem o vazio do homem e o tornam mais livre: “*Mananava est le bout du monde, d’où l’on peut voir sans être vu.[...]En passant je cueille des brèdessonge, des goyaves rouges, des pistaches marron. Je ressens l’ivresse de cette liberté.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.362/363), narra Alexis.

Na infância, Alexis ainda não tinha acesso a esse paraíso, mas Denis, que era um ser em total harmonia com o universo e com a natureza, transparecia os efeitos positivos que o lugar transmitia, pois, segundo o narrador, ao aproximar-se de Mananava, Denis sentia-se mais livre e, portanto, mais feliz: “*Au fur et à mesure que Denis s’éloigne du Boucan et qu’il remonte vers la forêt, vers les montagnes, il devient moins méfiant, il parle davantage, il semble plus libre.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.39).

Além disso, o aspecto mítico de Mananava está, principalmente, no fato de estar ligada à lenda dos escravos negros. Segundo a lenda, Mananava teria sido o lugar onde os negros escravizados abrigavam-se após suas fugas. Quando descobertos pelos brancos, o líder desses negros, Sacalavou, preferiu suicidar-se a ter que retomar sua vida de escravo:

Mananava, où la femme du vieux Cook disait que vivaient les descendants des Noirs marrons, qui avaient tué les maîtres et brûlé les champs de canne. C’était là qu’avait fui Sengor, et c’était là que le grand Sacalavou s’était jeté du haut d’une falaise pour échapper aux Blancs qui le poursuivaient. (LE CLÉZIO, 1985, p.41), lembra Alexis.

Aqui, notamos que o caráter mítico de Mananava nos é apresentado logo no início da narrativa, mas, como o protagonista ainda não tinha a bagagem necessária para desbravar o local, ele nos é mostrado, pelos olhos do narrador, como misterioso, já que está intimamente ligado à morte dos escravos. Contudo, ao perceber que seu tesouro, ou seja, sua origem e identidade, só seriam encontrados nesse paraíso, Alexis entende que deve retornar à Mananava para, enfim, alcançar a paz e a plenitude que tanto procurava e mostrar ao leitor a noção de liberdade que a lenda denota: “*C’est à Mananava que je pense, à présent, le dernier endroit qui me reste. C’est en moi depuis si longtemps, depuis les jours où nous marchions, Denis et moi, jusqu’à l’entrée des gorges.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.346), diz Alexis.

Assim, vemos a lenda de Mananava como um dos principais elementos que dão ao romance seu caráter circular, pois, ao desvendá-la no decorrer da narrativa, Alexis mostra que o seu crescimento esteve intimamente ligado à interpretação da lenda, ou seja, o protagonista só conseguiu encontrar o verdadeiro tesouro que procurava quando entendeu a importância da liberdade e da harmonia que Mananava propiciava.

5.4.2. Lenda dos pássaros do rabo de palha

O casal de pássaros aparece diversas vezes no romance e, por viverem em Mananava, estão intimamente ligados a essa lenda. Denis, Alexis, Laure e Ouma, representantes da pureza e da inocência infantil do romance, são os principais emissores dessa lenda e, apesar do mistério que envolve os pássaros e da ligação que eles têm com os fantasmas de Mananava, esses quatro personagens os vêem como mensageiros divinos, ou seja, ligados ao bem: “*Laure dit qu’ils sont les esprits des Marins morts en mer, et des femmes qui attendent leur retour, en vain. Ils sont silencieux, légers.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.69).

Ao traduzirmos dessa maneira o simbolismo proposto pela presença dos pássaros, entendemos que Le Clézio quer nos transportar para a cultura africana, na qual a alma dos imortais assume a figura livre e leve de um pássaro. Assim, vemos reforçada a teoria de que os pássaros são, assim como as almas dos seres evoluídos, mensageiros que procurar estreitar as relações entre o céu e a terra. No romance, notamos sua função mais explicitamente no momento em que Alexis revê Ouma, pois, apesar dos desencontros, um pertencimento ao outro e o destino deles era ficarem juntos: “*Alors je vois Ouma venir vers moi, de sa marche légère, sortie de la forêt. Au même moment, je vois apparaître les deux oiseaux blancs.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.363). Devemos ressaltar, ainda, que a cor branca, muito evidenciada no romance, reafirma o sentido divino dos pássaros, pois nos remete à luz e à pureza, características intrínsecas à criança e, portanto, à origem do ser humano.

Desse modo, a lenda dos pássaros do rabo de palha ajuda a compor, em *Le chercheur d’or*, o cenário mítico e lendário que leva o protagonista a valorizar o primitivismo, as origens humanas, a bondade, o desapego material e, por fim, podemos entender que essa lenda funciona como um exemplo de que a natureza e a harmonia com o cosmos levam o homem ao autoconhecimento, aproximando-o de Deus e o tornando, de certa maneira, eterno.

Ao associarmos todas essas lendas expostas e considerarmos que, originalmente, pertencem a mundos e culturas extremamente diferentes, entendemos que é justamente essa heterogeneidade mítica e lendária que torna *Le chercheur d’or* (1985) um romance cuja polifonia e multiplicidade de ideias buscam colocar no mesmo patamar todas as culturas

existentes no mundo, fazendo com que coexistam de maneira complementar e harmoniosa, sem que uma se sobreponha à outra.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jean-Marie Gustavo Le Clézio, influenciado pelas próprias experiências e pelas opiniões que tem acerca da condição moderna da sociedade capitalista destacou-se na literatura por ressaltar as camadas marginalizadas e injustiçadas na sociedade, trazendo à tona seus aspectos étnicos e culturais. Assim, percebemos que a obra lecléziana prioriza heróis e lugares excêntricos, por meio dos quais consegue transmitir ao leitor o lado multifacetado do mundo moderno.

Em *Le chercheur d'or*, o protagonista Alexis (europeu) estabelece suas raízes em terras africanas (Ilha Maurício), onde entra em contato com essa cultura e constrói seu ponto de vista a partir dos elementos presentes em ambas as culturas (africana e europeia). Ao partir para a Ilha Rodrigues em busca do tesouro do Corsário desconhecido, o herói lecléziano conhece o mundo industrializado e moderno, totalmente diferente daquele de sua infância, fazendo com que valorizasse seu paraíso (Boucan) e a época em que o capitalismo e a intolerância contemporâneas não o atingiam (sua infância).

Para ajudar a compor o cenário mítico-lendário heterogêneo da obra e seu diálogo intercultural, o autor incorpora em cada personagem um mito ou uma lenda diferentes, formando, assim, um mosaico cultural polifônico em que as diferentes origens coexistam e construam o romance de maneira complementar. As categorias de tempo e espaço também corroboram para esse enlace cultural, pois cada lugar carrega consigo suas características peculiares em um determinado espaço de tempo. Nesse sentido, entendemos que tanto o espaço e o tempo como as pessoas com quem o protagonista tem contato colaboram para que a obra possua uma heterogeneidade harmoniosa, compondo, assim, um romance no qual as diferenças são exaltadas e respeitadas.

Ademais, notamos que Alexis forma seu ponto de vista por meio das experiências que viveu em diferentes lugares e com diferentes pessoas. Por isso, a personalidade do protagonista é construída a partir da diversidade étnico-cultural-social a que esteve submetido durante parte de sua vida e que o levará a encontrar sua própria identidade e felicidade, entrando em harmonia com a natureza e com o cosmos. No decorrer da narrativa, notamos que cada personagem influencia, à sua maneira, as conclusões de Alexis e o ajudam a encontrar o tesouro pelo qual tanto procura.

Desse modo, concluímos que *Le chercheur d'or* é uma obra onde a diversidade mítica e lendária mostra-se essencial para o desenrolar da história e a coexistência e complementaridade com que Le Clézio insere os elementos mitológicos compõem um cenário

culturalmente equipotente, cujo principal objetivo é evidenciar que as diferenças culturais devem compor um mundo harmonioso e homogêneo, apesar das diferenças.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAVI, F. *Mawlana et Le Clézio: auteurs d'une quête mystérieuse de l'or*. Université de Téhéran, 2009.

ALVES DOS SANTOS, M. *Viagem e utopia em J.M.-G. Le Clézio: Le chercheur d'or e Voyage à Rodrigues*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

ASSUNÇÃO, I. *Villa aurore, de Le Clézio: o conto da infância*. São Paulo, Ed. Mackenzie, 2012, p.3.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CAMARANI, A. *A tradição literária poética e sensorial em Le Clézio*. In: **Itinerários, n.31, p.60**. Araraquara, 2010.

CAVALLERO, C. *J.M.-G. Le Clézio et les sables des mots*. In: **Erudit, n.82, p. 121-134**. Montreal: Tangence, 2006.

GENETTE, Gérard. **Figures III**. Paris: Seuil, 1972. (Poétique).

JOLLIN-BERTOCCHI, S.; THIBAUT, B. *Lectures d'une oeuvre*. Nantes: Du temps, 2004.

LE CLÉZIO, J.M.-G. *Le chercheur d'or*. Paris: Gallimard, 1985.

ONIMUS, J. *Pour lire Le Clézio*. Paris: PUF, 1994.

SALLES, M. *Le Clézio, un écrivain de la rupture?* In: **Itinerários, n.31, p. 15-31**. Araraquara, 2010.

